Crusoé

www.crusoe.com.br - 30 d... ...ão

FAKE NEWS

A PERNA CURTA DA MENTIRA

FAKE NEWS CONVERTERAM VOTOS DE EVANGÉLICOS E INUNDARAM A INTERNET ESTE ANO, MAS SOCIEDADE MAIS BEM PREPARADA REDUZIU OS SEUS DANOS

POR DUDA TEIXEIRA

Agência Senado

Maior parte das notícias enganosas partiu de seguidores do presidente Jair Bolsonaro

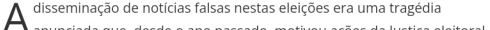
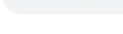
A perna curta da mentira

Fake news converteram votos de evangélicos e inundaram a internet este ano, mas sociedade mais bem preparada conteve os seus danos

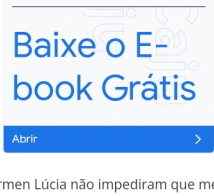
30.09.22

DUDA TEIXEIRA

SALVAR

10:06 / 10:06

A disseminação de notícias falsas nestas eleições era uma tragédia anunciada que, desde o ano passado, motivou ações da Justiça eleitoral e das empresas de tecnologia. A expectativa se confirmou. Nos últimos quatro meses, foram registradas 15 mil denúncias de desinformação pelo Tribunal Superior Eleitoral, TSE, sendo 562 disparos massivos de mensagens. Como nem tudo é reportado, o total de infrações é certamente muito maior, e uma avalanche de inverdades deve ocorrer nos próximos dias. Pesquisas confirmaram que essas mensagens enganosas viraram votos em ao menos um grupo, o dos evangélicos. Mas, nos demais, as mentiras tiveram perna curta. A conscientização sobre o perigo que as fake news representam, a remoção de conteúdos pelas redes sociais, a ação rápida dos advogados dos partidos e da Justiça eleitoral e o fato de que os dois principais candidatos são figuras bem conhecidas do público evitaram um caos maior.

O dado que comprova a eficácia das fake news entre os evangélicos foi obtido pela Genial/Quaest: **34% deles acredita que Lula fechará igrejas se eleito**. O número é chocante porque, em momento algum, o petista afirmou tal coisa, ou isso tampouco faria qualquer sentido. Mesmo assim, desde maio, o Datafolha apurou um **aumento da intenção de voto em Bolsonaro entre os evangélicos de 39% para os atuais 50%**. Em nenhum outro grupo populacional deu-se uma mudança tão perceptível. "*Ao analisar as pesquisas de intenção de voto segundo vários critérios, como renda familiar ou escolaridade, não se percebe uma alteração importante. Isso só aconteceu na amostra dos evangélicos, o que nos leva a supor que as estratégias usadas por Bolsonaro drenaram muitos votos de Lula*", diz João Brant, coordenador do Desinformante, que monitora a desinformação nas redes. "*Mais adiante, as pesquisas vão revelar qual foi a participação das fake news nisso, mas há indícios fortes nesse sentido.*"

Oito narrativas políticas foram detectadas na mídia online evangélica pelo NetLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Entre elas estão: "*a esquerda tem preconceito com a nossa religião*", "*Lula quer manipular os eleitores evangélicos*", "*o presidente Bolsonaro é o líder da nossa nação conservadora*" e "*quem não apoia Bolsonaro é traidor*". Os filhos do presidente, seus aliados, religiosos e influenciadores disseminaram essas ideias, que foram compartilhadas por milhões de contas. No início de setembro, a ministra Cármen Lúcia, do Tribunal Superior Eleitoral, TSE, determinou a remoção de publicações do deputado Eduardo Bolsonaro (PL) no Twitter e no Facebook, em que ele dizia que "*Lula e PT apoiam invasões de igrejas e perseguição de cristãos*". A ministra disse que a informação era "*sabidamente inverídica*".

Decisões como a de Cármen Lúcia não impediram que mentiras grosseiras fossem jogadas nas redes, mas foram capazes de limitar seus impactos. "*Em 2018, a Justiça estava pouco munida para enfrentar a desinformação. Mensagens sobre o kit-gay ou a mamadeira de piroca duraram muito tempo na internet e foram sendo reaproveitadas. Hoje, o arcabouço para compreender o que é desinformação melhorou muito, assim como o tempo de resposta da Justiça*", diz Alexandre Pacheco, professor na FGV Direito SP e um dos coordenadores do Observatório da Desinformação nas Eleições. Na campanha presidencial anterior, foram distribuídas mensagens dizendo que mamadeiras com bico em formato de pênis tinham sido entregues em creches pelo PT e que o candidato petista Fernando Haddad teria feito um "*kit gay*" para doutrinar crianças. Este ano, o grupo de Pacheco já analisou 140 decisões dos órgãos da Justiça eleitoral. Em geral, as publicações partiram de membros da coligação de Bolsonaro ou de seus apoiadores e questionavam as urnas eletrônicas ou o sistema eleitoral. Quando os tribunais solicitaram a retirada do conteúdo, as empresas de tecnologia acataram os pedidos.

Instituto Lula

Lula com evangélicos: votos foram drenados para Bolsonaro

Uma das conclusões do Observatório é que o Judiciário tem sido muito ágil e contundente ao identificar e punir mensagens que são inverdades óbvias. Um exemplo recente ocorreu nesta quarta, 28, quando o TSE publicou uma nota dizendo que um material publicado nas redes pelo partido do presidente, o PL, trazia informações "*falsas e mentirosas, sem nenhum amparo na realidade, reunindo informações fraudulentas e atentatórias ao Estado Democrático de Direito e ao Poder Judiciário, em especial à Justiça Eleitoral*". Na nota, o TSE se referiu ao texto como um "*documento*" apócrifo — assim mesmo, entre aspas. O posicionamento foi ao ar no site da corte apenas três horas depois de o tal "*documento*" ter sido divulgado pelo PL.

Contudo, **quando os conteúdos imputam um crime ao candidato, as sentenças podem ser contraditórias**. Uma liminar foi dada para impedir que Lula chamasse Bolsonaro de genocida, mas a proibição caiu mais tarde, porque considerou-se que ela afetava a liberdade de expressão. No Twitter, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, acusou Bolsonaro de ser o mandante do assassinato de Benedito Cardoso, um apoiador de Lula, no Mato Grosso. O post teve de ser apagado por ordem da Justiça. **Bolsonaro chamou Lula de ladrão diversas vezes**, mas, nesses casos, os petistas não reclamaram nas instâncias competentes, talvez para não despertar risadas. "*A Justiça ainda está aprendendo o seu caminho para lidar com esses adjetivos, mas a tendência no colegiado parece ser a de considerar essas críticas como um exercício da liberdade de expressão*", diz Pacheco, da FGV Direito SP.

Em 2022, as fake news esbarraram em uma sociedade mais preparada. Campanhas foram promovidas para educar a população. Agências de checagem, como o Comprova, parceiro da **Crusoé**, desmontaram histórias mal-intencionadas. Disparos de mensagens políticas para telefones celulares sem consentimento, que em 2018 ocorreram principalmente pelo WhatsApp, foram denunciados pelos que as receberam e bloqueados pelas plataformas digitais. Um canal implementado pelo WhatsApp em 2020 recolhe denúncias para suspender rapidamente as contas usadas nessas operações ilegais.

Até aqui, a organização Data Privacy, que advoga pela proteção de dados, detectou dois disparos em massa de mensagens, ambos usando outros mecanismos de mensagens que não o WhatsApp, como os antigos SMS e os RCS, que podem conter links e imagens. No primeiro caso, uma pesquisa online perguntou se as pessoas conheciam o governador de São Paulo e candidato à reeleição, Rodrigo Garcia. O outro foi uma mensagem enviada por um funcionário da empresa mineira Algar Telecom com o texto: "*Vai dar Bolsonaro no primeiro turno! Senão, vamos a rua para protestar! Vamos invadir o Congresso e o STF! Presidente Bolsonaro, conte com todos nós!*". Os dois casos usaram bancos de dados públicos, com números de telefones de indivíduos que não se cadastraram para receber esses textos. Investigações estão em andamento para punir os responsáveis. "*As pessoas hoje sabem que é errado mandar mensagens políticas não solicitadas. Elas acham estranho, reclamam na internet, questionam. Então, o tiro pode sair pela culatra*", diz Pedro Saliba, pesquisador e líder do projeto sobre eleições, desinformação e proteção de dados na Data Privacy.

Reprodução

Bolsonaro apostou no Telegram, que não saiu da bolha

Outra surpresa deste ano foi que o Telegram, aplicativo que demorou para responder aos emails do TSE e que contratou um escritório de advocacia carioca como representante no Brasil, não foi um protagonista de peso. Ao longo do ano, Jair Bolsonaro, um crítico das grandes redes sociais, investiu bastante no Telegram a ponto de se tornar a pessoa mais popular na rede em todo o mundo, com 1,4 milhão de seguidores. Entre os 2.183 links com denúncias compilados pelo TSE, 1.774 eram do Youtube, 185 do Twitter, 83 do Facebook e 32 do Instagram. **Apenas doze estavam no Telegram**. O número irrelevante não quer dizer que essa rede, com sede em Dubai, tenha se tornado um ambiente regrado. Muito pelo contrário. É um território minado de fake news. Mas os números do TSE mostram que o Telegram não incomodou tanto os brasileiros. Uma explicação possível é que a rede serviu mais como um lugar para os usuários trocarem informações dentro de suas próprias bolhas, mas não os ajudou a alcançar um público mais amplo, chegando a eleitores indecisos ou que pensam de maneiras diferentes. **As fake news, assim, circularam entre os que já acreditavam nelas**.

Por fim, um fator relevante que deve ter limitado o alcance das mentiras é que esta eleição teve dois candidatos bem conhecidos disputando o primeiro lugar nas pesquisas. Tanto Lula como Bolsonaro já exerceram o cargo de presidente, o que favoreceu uma decisão célere por parte dos eleitores. Isso reduziu o espaço para as fake news proliferarem. "*Em 2018, as pessoas não conheciam direito o deputado Bolsonaro ou o petista Fernando Haddad. Este ano, o cenário foi bem menos incerto*", diz João Brant, do Desinformante.

Os próximos dias serão cruciais e muita coisa ainda pode acontecer. As denúncias de fraude no sistema eleitoral, distribuídas pelos seguidores do presidente Bolsonaro, podem levar muitos brasileiros a não aceitar os resultados e a protestar. Atos de violência, uma marca triste desta campanha, podem voltar a fazer vítimas. Mesmo assim, é certo que a sociedade brasileira está mais atenta e preparada para enfrentar o problema das fake news. Ⓒ

REPORTAGEM

O debate foi ruim para Lula

Quem tinha mais a perder com o debate da Globo era o petista e a participação no programa pode ter lhe custado a vitória no primeiro turno

POR CARLOS GRAIEB

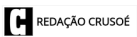
Reprodução/TV Globo

Lula encara o Padre Kelmon: o petista caiu na armadilha

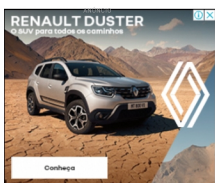
O debate foi ruim para Lula

Quem tinha mais a perder com o debate da Globo era o petista e a participação no programa pode ter lhe custado a vitória no primeiro turno das eleições

30.09.22

REDAÇÃO CRUSOÉ

Uma máxima entre políticos é que debates dificilmente trazem votos, mas podem causar estrago em uma candidatura. Se essa máxima, e também as pesquisas mais recentes estiverem certas, quem mais tinha a perder com o debate da Rede Globo, realizado na noite desta quinta-feira, 29, era Lula. E é possível que a participação no programa lhe tenha custado a vitória no primeiro turno.

Divulgada pouco antes do início do confronto entre os candidatos, uma pesquisa Datafolha mostrou o petista com 50% dos votos válidos e Bolsonaro, com 37%. Dada a margem de erro, de dois pontos percentuais para mais ou para menos, tanto o final da eleição no próximo domingo quanto o seu prolongamento até o dia 30 de outubro são cenários possíveis.

Lula não se saiu bem no debate. Partiu para um bate boca com Padre Kelmon, personagem cujo objetivo era justamente esse – tirar o petista do sério.

Quando os dois se encontraram para uma rodada de perguntas e respostas, Kelmon já fizera dobradinha com Bolsonaro para lembrar dos casos de corrupção de Lula e do PT. Lula, por sua vez, havia atravessado um primeiro bloco tenso, em que ele e Bolsonaro trocaram acusações e ofereceram um ao outro a oportunidade para direitos de resposta em sequência.

Diante de Lula, Kelmon lembrou do assassinato do petista Celso Daniel, em 2002, e da teoria de que ele foi morto por encomenda dos próprios companheiros de partido, ao tentar interferir em um esquema de cobrança de propina em serviços de coleta de lixo na cidade que ele governava. *"O senhor nem deveria estar aqui como candidato"*, disse Kelmon. *"O senhor é cínico, o senhor mente, o senhor matou."*

Lula retrucou com o dedo em riste: "*O senhor é irresponsável. O senhor está fantasiado de padre.*" Kelmon o interrompeu, quebrando as regras do debate, e a situação saiu de controle depois disso.

Assim como Jair Bolsonaro pagou pelo seu ataque à jornalista Vera Magalhães no debate da Band, Lula pode pagar por ter perdido as estribeiras no último debate da temporada.

Pouco importa se Kelmon serviu de linha auxiliar para Bolsonaro, se é um candidato laranja ou um padre de festa junina, como chegou a dizer a candidata Soraya Thronicke, da União Brasil. Nas quarenta e oito horas até a eleição, não haverá oportunidade para explicar circunstâncias, mas haverá muito tempo para que áudios e imagens da briga entre Lula e o padre circulem, influindo na decisão do eleitor que ainda está indeciso.

Lula passou o resto do debate com semblante abatido, visivelmente contrariado. No fim do programa, em uma entrevista, voltou a se indignar com o "padre que surgiu do nada" e o tirou do prumo. O petista sabe que caiu numa armadilha em circunstâncias em que tinha muito a perder. Sua espera até a contagem dos votos no domingo não será tranquila.

ENTREVISTA: LILIA SCHWARCZ

'Bolsonaro é um sintoma e não uma causa'

A antropóloga e historiadora reflete sobre as chances de pacificação do cenário político e sobre o possível perfil de uma oposição bolsonarista

POR REDAÇÃO CRUSOÉ

Karime Xavier/Folhapress

Lilia Schwarcz: "O Brasil e os brasileiros estão encharcados de autoritarismo"

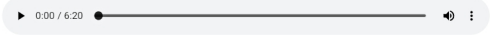
‘Bolsonaro é um sintoma e não uma causa’

A antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz reflete sobre as chances de pacificação do cenário político e sobre o possível perfil de uma oposição bolsonarista

30.09.22

REDAÇÃO CRUSOÉ

SALVAR

0:00 / 6:20

Em 2019, logo no começo do governo Bolsonaro, a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz publicou um livro para mostrar que a eleição do ex-capitão do Exército, longe de ser uma surpresa, respondia a uma longa tradição de autoritarismo brasileiro. “*Bolsonaro é um sintoma, e não uma causa*“, diz ela. Quatro anos mais tarde, e diante da perspectiva de um retorno de Lula à presidência da República, a professora titular do departamento de antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e *global scholar* na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, discute nesta entrevista a **Crusoé** o possível perfil de uma oposição bolsonarista e as chances de pacificação do cenário político.

A polarização política dos últimos anos tem paralelos na história brasileira?
Tivemos um outro momento de polarização extrema no começo dos anos 1950. Quem viveu aquele período sempre conta que não havia nenhuma canal de diálogo entre o grupo de Getúlio Vargas e o dos seus opositores, com Carlos Lacerda à frente. Não é que os dois lados não se falavam, eles sequer admitiam que o outro pudesse existir. O suicídio de Vargas, em 1954, reduziu a temperatura, mas não apagou o fogo. Podemos dizer que o suicídio adiou por dez anos a eclosão de um golpe militar, que veio de qualquer maneira, em 1964. A polarização de hoje também é extrema. Mas não subscrevo a teoria de que Lula e Bolsonaro são equivalentes. Tenho certeza de que não são. É possível fazer críticas severas a Lula, mas seu governo deixou heranças positivas em áreas fundamentais como a educação e a saúde. Não se pode dizer nada semelhante sobre Bolsonaro. Na área onde atuo, da pesquisa acadêmica, da produção de conhecimento, ele foi simplesmente destrutivo. Bolsonaro também fez um trabalho sistemático de deslegitimação do Judiciário e de outras instituições. Não se pode dizer nada comparável a respeito de Lula.

Acredita que há chances de reduzir a fervura na política nos próximos anos?
Quem vencer terá de governar um Brasil muito dividido. Haverá um Nordeste mais lulista, um Sul mais bolsonarista. Teremos de conviver com a polarização religiosa. O governo Bolsonaro exaltou demais um só tipo de religião, apesar de o país ser laico, segundo o texto constitucional. Até mesmo moralmente o Brasil está dividido. A Covid matou muita gente, causou um luto com o qual ainda não soubemos lidar. Como disse Ailton Krenak, quem não sabe lidar com a morte, não sabe lidar com a vida. Acho que os desafios são imensos. A temperatura só vai baixar se quem assumir souber usar as boas moedas do diálogo e do respeito à diversidade, para que o Brasil possa repactuar a sua vida republicana.

Caso Lula vença a eleição, como sugerem as pesquisas, que tipo de oposição haverá no Brasil?
Quero deixar claro que não tenho problema nenhum com líderes conservadores. A democracia funciona melhor quando existem diferenças e políticos conservadores que respeitam a Constituição e as regras do jogo democrático desempenham um papel importante e legítimo. Na oposição eles cobram, questionam e pedem investimento para áreas que o outro lado considera secundárias. É assim que deve ser. Minha questão é com governos autoritários, que querem se sobrepor às instituições. Caso Lula vença as eleições, teremos uma oposição bolsonarista? Acredito que sim, pois muitos políticos desse grupo vão renovar seus mandatos, a começar pelo filho do presidente que está na Câmara dos Deputados. Acredito que essa oposição vai usar as mesmas ferramentas que usa hoje, ou seja, a truculência e a produção de fake news em grande escala. Não acredito que venha a ser uma oposição produtiva em qualquer sentido.

Walter Craveiro/Flip

“Usar as boas moedas do diálogo e do respeito à diversidade”

Os quatro anos do governo Bolsonaro modificaram ou simplesmente deram continuidade à tradição autoritária brasileira?
Minha reflexão sobre o autoritarismo parte do pressuposto que o nosso presente está repleto de passado. Àqueles que se mostram perplexos com a eleição de um político reacionário como Bolsonaro, costumo lembrar que o Brasil e os brasileiros estão encharcados de autoritarismo. Em outras palavras, Bolsonaro é um sintoma e não uma causa. Sua eleição e suas políticas dão continuidade, por exemplo, à nossa tradição patriarcal. Os homens sempre governaram neste país, e ainda governam, com menosprezo pelas mulheres. Eles olham com muita desconfiança, quando não ódio, todas as iniciativas femininas. Somos também um país racista. O racismo é uma linguagem, uma forma de ver o mundo profundamente enraizada no nosso cotidiano. Para nossa elite, os negros ainda precisam de alguém que os governe. Somos um país que despreza a questão do meio ambiente. Temos um perfil de governante que sempre achou que no Brasil a terra é muita, está sobrando, e por isso pode ser estragada. Esses governantes são cegos e surdos diante dos indígenas, privando-os assim de qualquer protagonismo. Em todos esses sentidos, o governo Bolsonaro foi uma continuação, exacerbada talvez, do autoritarismo brasileiros que vem de muito antes.

Não há nada de novo que ele represente?
Quando escrevi meu livro sobre o autoritarismo brasileiro, só mencionei o nome de Jair Bolsonaro uma vez, para ilustrar um fenômeno que considero novo. Trata-se de um certo coronelismo urbano, que hoje existe lado a lado com o coronelismo rural, tradicional entre nós. Esses coronéis urbanos não têm grandes fazendas, mas também controlam o voto de algumas regiões, às vezes com violência. Como seus contrapontos rurais, eles são muito dados ao "familismo" e ao personalismo. Bolsonaro também ilustra muito bem outro fenômeno a que precisamos prestar atenção, como o populismo digital. Líderes populistas e autoritários como ele procuram conversar diretamente com o povo por meio das redes sociais, sem a mediação ou o contraponto de quaisquer instituições, e com isso eles criam realidades paralela. Trata-se de algo novo, que surgiu de repente e não se restringe ao Brasil. ©

ARTIGO

O Brasil que acolhe

Migrantes e refugiados venezuelanos foram incluídos no SUS e transportados para 838 cidades, onde ganharam uma vida digna. Qual será o futuro desse programa?

POR MARÍA TERESA BELANDRIA

Migrantes venezuelanos em Lauro de Freitas, Bahia

Venezuelanos são recebidos em Lauro de Freitas, na Bahia

O Brasil que acolhe

Migrantes e refugiados venezuelanos foram incluídos no SUS e transportados para 838 cidades, onde ganharam uma vida digna. Qual será o futuro desse programa?

30.09.22

MARÍA TERESA BELANDRIA

SALVAR

0:00 / 7:09

Brasil e Venezuela nunca estiveram tão próximos como nos últimos cinco anos. Isso não tem que ver com a assinatura de novos acordos comerciais, investimentos ou aumento das exportações — elementos que costumam balizar as relações entre os países. É a chegada de milhares de cidadãos provenientes de todas as cidades e povoados da Venezuela para os 27 estados do Brasil, através da fronteira de Pacaraima, em Roraima, que marca essa nova etapa nas relações binacionais.

Desde que começou uma crise humanitária complexa na Venezuela, 6,8 milhões de pessoas cruzaram as fronteiras. Por meio da Operação Acolhida, o Brasil tornou-se o quinto país que mais recebeu migrantes. Esse programa federal, criado em 2018, é coordenado pela Casa Civil e sua execução depende das Forças Armadas. Os militares, em conjunto com agências internacionais, como a Organização Internacional das Migrações, OIM, e o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, Acnur, merecem um reconhecimento mundial pelas suas ações.

As histórias de cada refugiado e migrante venezuelano, coletadas por militares, voluntários e funcionários das agências, dão conta da magnitude dos danos: desnutrição de crianças e adultos; famílias destruídas e desarticuladas pela perseguição política; menores sem pai ou mãe porque eles morreram de fome. Crianças menores de idade que fugiram das minas da região do Arco Mineiro, depois de serem forçadas à prostituição, aproximam-se grávidas da fronteira. Cidadãos são condenados à morte por falta de tratamento médico. Homens, mulheres e crianças carregam tudo o que podem em um percurso a pé até o Brasil em busca do básico: comida, água para tomar banho com dignidade, luz e saúde. **E também de liberdade**. Na Venezuela, os cidadãos não têm liberdade para nada, seja para pensar, escolher seus representantes ou sonhar com um futuro para os filhos.

Pela fronteira entre a Venezuela e o Brasil já passaram mais de 700 mil venezuelanos. Muitos seguem para outros países mas, segundo estatísticas oficiais, hoje vivem aqui 358 mil. Eles receberam um Registro Nacional Migratório ou Protocolo de Refugio. Foram inscritos no Sistema Único de Saúde, o SUS. Portam CPF e têm direito ao trabalho. Os venezuelanos foram recebidos de braços abertos e também com dignidade, respeito e afeto. Além disso, durante a pandemia, ganharam o auxilio emergencial de 600 reais, que foi aprovado pelo governo federal. Também **foram vacinados contra a Covid sem qualquer tipo de discriminação**, assim como qualquer cidadão brasileiro, o que não ocorreu em outros países onde existem diferenças entre nacionais e estrangeiros.

A Operação Acolhida, com a ajuda do setor privado e das agências internacionais, transportou 80 mil venezuelanos do estado de Roraima para 838 municípios brasileiros. Eles então puderam reencontrar familiares, amigos e começar uma vida nova. É um processo coordenado, no qual os migrantes e os refugiados venezuelanos recebem aulas sobre o país e sobre a cidade e o estado onde vão viver. Se for o caso, eles também aprendem sobre a empresa em que vão trabalhar. **O tratamento que se dá aos migrantes e refugiados no Brasil não se compara ao de outros países.** Por ser a crise migratória venezuelana a maior da atualidade em um país que não sofreu um desastre natural ou uma guerra, a Operação Acolhida é reconhecida mundialmente pelo seu desempenho.

Neste cenário, as estatísticas oficiais estimam que, nos últimos três meses, **25 mil venezuelanos entraram no Brasil, contrariando o que apregoa a narrativa oficialista do regime de Nicolás Maduro**, de que a "*Venezuela se consertou*". Nesta mesma semana, o embaixador de Maduro na ONU afirmou que 60% dos migrantes voltaram ao país, que a migração não existe e que foram inventados milhares de migrantes "*fantasmas*". Isso é um desrespeito à realidade e ao trabalho das agências internacionais.

Uma média de 1.800 venezuelanos abandona o seu país por dia. Eles fazem isso pela fronteira com a Colômbia — onde hoje vivem 1,8 milhão — pelo Brasil e por pequenas embarcações no mar do Caribe. A outra cara atroz da migração é a perigosa selva de Darién, no Panamá. Cerca de 85% dos migrantes que a atravessam são venezuelanos e o aumento do fluxo foi de 70% entre 2021 e 2022. Na semana passada, uma menina morreu afogada e um menino foi assassinado por um disparo, só para citar os casos mais recentes.

Depois de atravessar o continente nessas condições e sobreviver à fome e as máfias, os nossos migrantes chegam exaustos ao seu principal destino: os Estados Unidos. De lá, com um claro e lamentável propósito político em época de campanha eleitoral, têm sido enviados de ônibus ou avião pelo governador do Texas até Nova York, Washington ou mesmo para a exclusiva ilha Martha's Vineyard, para pressionar políticos do Partido Democrata. Este é mais um sinal da dimensão da nossa crise, e nada nos faz pensar que a curto ou médio prazo o fluxo migratório vai parar. **As causas que o originam ainda estão presentes: Maduro, seu regime e suas políticas.**

Em poucos dias haverá um processo eleitoral no Brasil para escolher o presidente da República, congressistas e governadores. No entanto, a situação de nossos venezuelanos e seu futuro nos obriga a fazer um questionamento. Ao olhar os programas e planos de governo apresentados por aqueles que aspiram a liderar a nação, **não encontramos nenhuma proposta ou comentário sobre algo fundamental que nos preocupa**.

O Brasil é um país grande, formado por imigrantes, e nossos venezuelanos agora são parte dele. Cada dia chegarão mais, porque há milhares de famílias que criaram raízes e estão trazendo parentes, assim como ocorreu historicamente com outras ondas migratórias. Ter planos e programas claros é uma garantia de uma migração legal, segura e de uma integração que contribua para o crescimento do país.

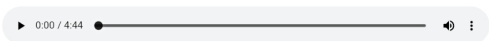
O Brasil é hoje um membro não permanente do Conselho de Segurança e integra o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, a ONU. Seu compromisso com a liberdade, com a defesa e a dignidade dos migrantes tem sido o norte que guia suas ações, sendo **o único país que aplica a convenção de Cartagena, reconhecendo a condição de refugiados aos venezuelanos**. Um legado que enche de orgulho as mulheres e homens do Comitê Nacional para os Refugiados, Conare, e da Operação Acolhida, aos quais jamais teremos como agradecer.

Por isso, com preocupação genuína e respeito frente ao futuro próximo, eu pergunto: qual será o destino da Operação Acolhida? O que acontecerá com o programa de atenção aos migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil?

María Teresa Belandria é embaixadora da Venezuela no Brasil

231
RUY GOIABA
O marxismo que falta ao Brasil

O marxismo que falta ao Brasil

30.09.22

Esta é uma coluna fadada a ficar velha rapidamente: estou escrevendo na quinta-feira (29), horas antes do debate presidencial na *"Globo Golpista"* e três dias antes da votação. Em breve saberemos se *His Luliness* vencerá em primeiro turno — e com isso terá sua posse antecipada para 3 de outubro, transformará água em vinho, multiplicará os pães e os peixes, fará os paralíticos andarem e distribuirá picanha e dólar a R$ 2 para todo mundo —, se irá para o segundo turno contra a Encarnação do Mal ou mesmo se, como quer o universo paralelo bolsominion, o Micto vencerá de saída com 230% dos votos válidos.

Em todo caso, parece que já há alguns ratos saltando do Titanic do bolsonarismo para as naus do dom Sebastião metalúrgico. O caso mais engraçado (até agora) é o da Brasil Paralelo, carinhosamente apelidada de Brasil para Lerdos, aquela produtora de supostos documentários que todo mundo achava que fosse *"ala ideológica"*, olavista raiz e tal: pois seus sócios estavam lá no jantar de Lula com o PIB, em São Paulo. Depois que *O Globo* noticiou a história, esses senhores fizeram uma live para dizer que não era nada disso, que o petista continua sendo ladrão e ex-presidiário, que foram lá para estudar as solertes maneiras do inimigo e pirirím e pororom: em seguida, a *Folha* informou que eles aplaudiram Sua Lulidade. Vai ver não eram palmas, tinha muito mosquito no jantar, sei lá.

Claro, tudo isso é *business as usual*: daqui a pouco veremos também ministros puxa-sacos dizendo que nunca foram bolsonaristas (eles já ficam magoadinhos hoje quando você os chama pelo nome certo), porta-vozes do Micto na mídia assumindo uma *"postura de distanciamento crítico"*, se bobear até o Velho da Havan trocando seu terno verde-amarelo por um vermelho. Toda essa movimentação na direção de quem ficará com o cofre e distribuirá dinheiro para essa turminha pagar seus boletos é costumeira quando o poder ameaça mudar de mãos, ainda mais neste país superpovoado de picaretas que é o Bananão. Rei morto, rei posto, os sacos a serem puxados agora são outros: segue o jogo.

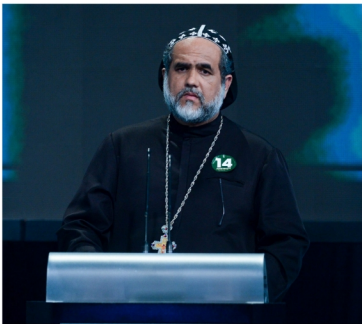
Já faz quase cem anos que Mário de Andrade incluiu em *Macunaíma* — *"o herói sem nenhum caráter"*, ou seja, um brasileiro como você, meu semelhante, meu irmão — aquele refrão *"pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são"*. Continua tudo mais ou menos na mesma, mas entre as muitas coisas que nos faltam além da saúde está o único marxismo que deu certo no mundo: o groucho-marxismo. Como se sabe, o grande Groucho Marx dizia que não queria pertencer a nenhum clube que o aceitasse como membro; fiel à doutrina, eu também não leio nenhuma revista que me aceite como colunista (é brincadeirinha, viu, Carlos Graieb? Leiam esta **Crusoé**: é uma revista batuta, desce macia, reanima e traz — ou estraga — a pessoa amada em três dias).

Em geral, o brasileiro prefere aderir a se opor: dá menos trabalho. Ser adesista ajuda muita gente a ganhar a vida, mas é o tipo de coisa que não funciona nem com a imprensa nem com o humor. Já devo ter citado mil vezes aqui, mas repito porque é meu mantra, Millôr Fernandes dizendo que *"imprensa é oposição; o resto é armazém de secos e molhados"*. Da mesma forma, humor a favor é a morte do humor: ou é do contra (inclusive contra o próprio humorista, para que ele não se iluda achando que um clube que o aceita como sócio possa oferecer algo de bom) ou não existe. Groucho-marxismo é um dos melhores antídotos que conheço para o culto à personalidade e essa vontade louca de pertencer — a uma panelinha, um clube, uma torcida organizada, uma seita. Infelizmente, nada indica que o Brasil seguirá a sã doutrina e deixará de venerar os santos da vez. Dilma Rousseff tinha razão (*"não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder: vai todo mundo perder"*).

***

A GOIABICE DA SEMANA

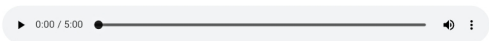
Um debate presidencial brasileiro não é debate se não inclui pelo menos um Candidato Exótico. Eu estava sentindo falta desse personagem — afinal, na eleição passada Cabo Daciolo cumpriu o papel com louvor —, mas finalmente o glorioso PTB nos ofereceu o Padre Kelmon, que já foi do PT e diz pertencer a uma entidade peruana não reconhecida pela Igreja Ortodoxa no Brasil. É pena que o padre *la garantía soy yo* sirva só de escada para Jair Bolsonaro nos debates e não faça nenhum milagre, andar sobre as águas, chuva dentro do estúdio, essas coisas. Quase dá saudade do Daciolo falando em línguas, mas logo passa.

Francisco Cepeda/Folhapress

Padre Kelmon, que tem se empenhado para substituir Roberto Jefferson à altura

ALEXANDRE SOARES SILVA

A Grande Crise da Mostarda de 2022

A Grande Crise da Mostarda de 2022

30.09.22

As pessoas começam uma guerra na melhor das intenções, achando que tudo vai ser alegria, e, quando vão ver, a guerra acarreta uma crise sem precedentes de condimentos nos restaurantes franceses.

Estamos vivendo agora o que os livros de história vão chamar de A Grande Crise da Mostarda de 2022.

Se, por exemplo, você for de manhã bem cedo para a famosa *moutarderie* Chez Edmond Fallot em Dijon ou Beaune, vai encontrar uma fila de quinze franceses e turistas já esperando que a porta abra, todos eles com os olhos cheios de desespero e esperança, seus filhos nos seus colos chorando de fome e frio; e assim que a loja abrir você vai descobrir, pelas exclamações de *"não é possível!"* e *"Meu Deus da França!"*, que a mostarda continua a faltar naquele país.

O que acontece é uma crise na produção de mostarda no Canadá, devido à seca; em segundo e terceiro lugar na produção de sementes de mostarda estão a Rússia e a Ucrânia, e a guerra e o embargo estão impedindo a importação.

Quem imaginaria essa consequência trágica? Chefs franceses famosos estão pedindo ao público que doe ou venda seus potinhos de mostarda para os restaurantes, numa campanha pública que às vezes parece, na intensidade e emocionalidade, as campanhas para doações que acontecem depois de cheias e terremotos. E os franceses desesperados têm tido que substituir a mostarda por wasabi ou tahine — a maior humilhação nacional desde que Coco Chanel virou amante do Barão Hans Günther von Dincklage, espião da Gestapo.

Alguém pode me perguntar se não tenho nada mais importante para comentar do que uma crise da mostarda, *"com tantas coisas graves acontecendo"*, como se diz; mas se você não acha essa tribulação gastronômica grave e preferia que eu falasse do meme cretino dos 13 livros vermelhos, não sei o que dizer. De qualquer forma, os jornais franceses têm falado disso durante dias. Franceses depauperados vagam pelas ruas e pelos campos, como zumbis, privados há semanas de *Poulet à la Moutarde*, *Filet Mignon au Poivre* e da deliciosa *Choux de Bruxelles à la Moutarde Façon Funambuline*. Há dias estão reduzidos a comer molho *vinaigrette* sem *moutarde fine*.

A verdade é que nunca podemos saber todas as consequências das políticas que defendemos, e o que me surpreende é que aparentemente mesmo uma coisa tão benigna e bem-intencionada como uma guerra pode ter consequências ruins.

***

Mas imagino que queremos falar das eleições.

De modo geral, todas as escolhas que as pessoas fazem que não são as escolhas que eu faria se estivesse na situação delas me parecem obscenas, grotescas e imperdoáveis. Minha vontade é sempre romper o contato com todo mundo que não tomou o mesmo caminho que eu tomaria em todas as bifurcações que se lhe apresentaram na vida.

Se eu for confessar, a verdade é que não ser eu às vezes me parece um negócio hediondo. Há um horror metafísico em olhar pra alguma coisa que não sou eu.

Desculpe a sinceridade, mas que coisa bizarra você não ser eu. Ter escolhido ser outra pessoa que não eu me parece uma decisão absurda. Pense bem na sequência lamentável de decisões erradas que o levaram a ser você, e portanto não eu. Tire uns vinte minutos de reflexão acabrunhada.

Tendo dito isso, ok, tudo bem, fique à vontade para votar num candidato em quem eu jamais votaria. Continuamos amigos. Eu, como você, estou lutando com dificuldade (mas vencendo! ainda vencendo!) contra a minha própria intolerância natural. Parabéns pra nós dois.

Ó você quem quer que seja, leitor da **Crusoé** ou meu amigo de internet, uma verdade sobre eu e você é a seguinte: nosso espanto mútuo com as escolhas um do outro é provavelmente uma das únicas coisas que temos em comum, e que nos assemelhará para sempre.

***

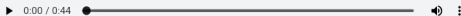
O desejo sexual faz com que o homem olhe para uma mulher bonita e veja uma espécie de pudim ambulante, e é com esforço que ele tem que lembrar que aquele pudim tem alma, opiniões, talentos etc. Com o tempo ele aprende que o pudim fica bravo quando suas opiniões não são ouvidas, e passa a respeitar essas opiniões, até sinceramente; mas enquanto ouve as opiniões políticas do pudim está perturbado pelo jeito que a calda escorre pela sua superfície branca e porosa; sua atenção está dividida, e não de jeito igual; o pudim percebe a distração e exige que ele repita o que acabou de falar; o homem não consegue, ou consegue mais ou menos, o que é pior; o pudim está furioso; o pudim está se organizando politicamente, escrevendo colunas indignadas de jornal, citando outros pudins do movimento de libertação dos pudins; alguns homens se submetem e andam com camisetas dizendo O FUTURO É DOS PUDINS; mas todos, os respeitosos e os não respeitosos, os admiradores dos pudins e os boçais inimigos dos pudins, estão com grossos filetes de baba escorrendo pelo queixo.

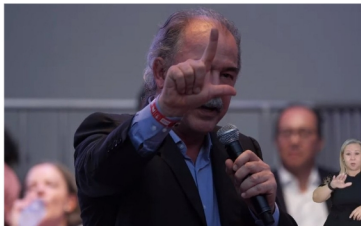
Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil

NOTAS DO SEXTA-FEIRA

A herança bendita de FHC

A herança bendita de FHC

30.09.22

Aloizio Mercadante disse algo inédito ao discursar no jantar que reuniu Lula e cem dos maiores empresários brasileiros na última terça-feira, 27. O coordenador do plano de governo petista afirmou que Lula, em seu primeiro mandato, teve a sorte de encontrar a economia arrumada e bons planos sociais implementados pelo governo de Fernando Henrique Cardoso. O PT teria cuidado de ampliar e aperfeiçoar esses programas. Ficou para trás, portanto, a velha acusação de que FHC deixou uma "herança maldita" para Lula administrar. Ou será que que foi apenas conversa para empresário ouvir?

PT

Aloizio Mercadante: o PT reconhece que o governo de FHC fez algo de bom

NOTAS DO SEXTA-FEIRA

Ódio à classe média

Ódio à classe média

30.09.22

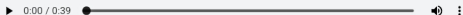
As últimas pesquisas eleitorais deixaram apreensivos os integrantes da campanha de Jair Bolsonaro. Eles temem que Lula possa levar no primeiro turno e resolveram apostar no tudo ou nada. Será feito um esforço final para associar o petista à corrupção, ao aborto, à censura, ao fim das liberdades individuais e ao preconceito contra a classe média. Esse último item é considerado fundamental para virar votos, pois mostraria que a preocupação de Lula com os pobres é falácia. *"O PT diz que quer tirar o brasileiro da pobreza, mas odeia a classe média"*, afirma um dos integrantes do comando da campanha, antecipando o discurso.

Adriano Machado/Crusoé

Lula: bolsonarismo fará esforço final para colar ao petista atributos negativos

C 231
NOTAS DO SEXTA-FEIRA
O gráfico de Flávio Rocha

O gráfico de Flávio Rocha

30.09.22

O empresário Flávio Rocha, da Riachuelo, é bolsonarista roxo e tem um gráfico guardado em seu celular para mostrar a quem disser que Lula vai vencer no primeiro turno. Ele trata de abstenção e mostra que um grande contingente de eleitores de baixa escolaridade pode não comparecer às urnas no próximo domingo. Como esse público tende a votar no petista, aumentariam as chances de a disputa só se resolver no final de outubro. O gráfico foi exibido na *Globonews* — daquele grupo que o bolsonarismo considera um lixo.

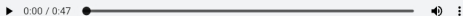
Divulgação

Flávio Rocha: abstenção eleitoral levará Bolsonaro ao segundo turno, diz ele

NOTAS DO SEXTA-FEIRA

Acabou a trégua com Alexandre de Moraes

Acabou a trégua com Alexandre de Moraes

30.09.22

O vazamento da investigação sobre seu ajudante de ordens, que seria responsável pelo pagamento de despesas da família Bolsonaro, inclusive Michelle, irritou profundamente o presidente da República. Mesmo depois de o ministro Alexandre de Moraes ter mandado investigar o episódio, Bolsonaro não ficou apaziguado. Nesta quinta-feira, 29, ele voltou a atacar frontalmente o atual presidente do TSE, chamando-o de "moleque" e "patife" em uma live. Bolsonaro também mandou mobilizar seus seguidores nas redes sociais, para criticar o ministro e a corte eleitoral — e reagir a um resultado desfavorável nas urnas.

Alexandre de Moraes: Bolsonaro o responsabiliza por vazamento de investigação

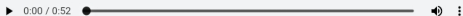
Empresários durante jantar com Lula

NOTAS DO SEXTA-FEIRA

Mistério sem fim

Mistério sem fim

30.09.22

SALVAR

No jantar com o PIB realizado nesta semana, Lula fez um discurso breve. Dois pontos de sua fala levaram alguns convidados a se remexer na cadeira. O petista prometeu responsabilidade fiscal, mas disse que o teto de gastos está com os dias contados, caso ele seja eleito, sem especificar se haverá algo para substituí-lo. Ele lembrou apenas que prefere modelos fiscais com metas de superávit em vez de restrições de gastos. Lula também disse que a inflação deve ser uma preocupação constante, mas que emprego e renda não podem ser ignorados. Não ficou claro se, em sua visão, cabe ao Banco Central zelar por todas essas variáveis, ou apenas pela inflação. O programa econômico do PT continua sendo uma incógnita.

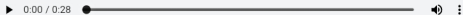
Reprodução

Lula: sem revelar o plano de governo

NOTAS DO SEXTA-FEIRA

Gim Argello capitulou

Gim Argello capitulou

30.09.22

O ex-senador Gim Argello, cuja condenação na Lava Jato foi anulada em fevereiro, apoiou até a última semana a campanha de Jair Bolsonaro. Na quarta-feira, 28, ele desistiu de acompanhar a eleição de domingo e viajou para a Itália. A interlocutores, diz que só volta depois do segundo turno, se houver.

Reprodução

Argello só volta da Itália depois do segundo turno, se houver